



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LÍNGUA INGLESA,
SUAS LITERATURAS E TRADUÇÃO

IGOR MOURA BEZERRA

UM ESTUDO SOBRE RISO E ATEMPORALIDADE:
O QUE FAZ RIR EM O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS?

FORTALEZA

2023

IGOR MOURA BEZERRA

UM ESTUDO SOBRE RISO E ATEMPORALIDADE:
O QUE FAZ RIR EM O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Inglês do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Nunes Assunção

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B469e Bezerra, Igor Moura.
UM ESTUDO SOBRE RISO E ATEMPORALIDADE : O QUE FAZ RIR EM O GUIA DO
MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS? / Igor Moura Bezerra. – 2023.
30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Letras (Inglês), Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Fabio Nunes Assunção.

1. Riso. 2. Risível. 3. O guia do mochileiro das galáxias. I. Título.

CDD 420

IGOR MOURA BEZERRA

UM ESTUDO SOBRE RISO E ATEMPORALIDADE: O QUE FAZ RIR EM O GUIA DO
MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras-Inglês do
Centro de Humanidades da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em Letras-
Inglês.

Aprovado em: 05 / 12 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Nunes Assunção (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Dolores Aronovich Agüero (Parecerista)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Lídia Amélia de B. Cardoso (Parecerista)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha véia, que não pode estar aqui, mas
que sempre será parte de mim. Seu filho vai se
formar, mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana Lúcia, que sempre foi meu apoio. Infelizmente a senhora não poderá estar aqui comigo nessa hora, mas eu escrevi em português para senhora poder ler também. Obrigado por tudo.

À minha maravilhosa esposa, Camila Borges, que me trouxe para as Letras e fez com que eu me encontrasse. Agradeço pelo seu companheirismo, paciência, apoio e risadas. Você é o meu motivo diário de acordar e seguir em frente. Amo você, Coisinha.

Aos meus amigos Amanda, Emanuel, Gleicy, Jéssica (Juliana), Jorge e Patrícia, que estiveram presentes comigo sempre. Vocês são muito importantes pra mim, e me acompanharam por essa jornada. Pelas brincadeiras, conversas, risadas, lágrimas, por compartilhar de vários momentos da vida comigo, muito obrigado.

À minha cunhada, Ana Caroline (A.K.A Carolzinha), minha companheira de comilanças loucas, a irmã que não tive ao crescer. Pelas perturbações, pelas fofocas, pelas risadas e por acompanhar minhas aventuras gastronômicas, obrigado.

Aos amigos que a UFC me deu, Aline, Carlas, Marcilon e Raquel. Uns terminaram, outros não, mas todos se unem pelo prazer da presença uns dos outros. Vocês são incríveis. Agradeço por estarmos juntos por esses percalços, e espero por mais encontros regados a *kit festa* e *Just Dance*.

À família que encontrei pelo caminho, os meus sogros, Arneide e Raimundo, por fazerem parte da minha vida; à Dona Dayse e ao Seu Everardo, por todo apoio nesses anos juntos (de um pastel para a vida). Aos meus afilhados, Aurora e Dante, por serem essas crianças maravilhosas.

As Professoras Dr.^{as} Diana Fortier, Dolores (Lola) Aronovich e Lídia Cardoso. Vocês são inspirações minhas à docência. Obrigado pelo apoio e paciência durante toda essa (longa) jornada. Para além da sala de aula, obrigado pelo apoio nos momentos difíceis. Espero ser como vocês quando eu crescer.

Por último, mas não menos importante, ao meu orientador, Professor Dr. Fabio Assunção, que topou essa pesquisa, direcionou meus caminhos e apoiou as minhas decisões. Você é um professor estupendo, e sempre fará parte da minha construção acadêmica. Como eu disse anteriormente, a meta é um dia sermos colegas na UFC.

“O homem é o único animal que ri. E é rindo
que ele mostra o animal que é”.

Millôr Fernandes.

RESUMO

Rir é uma das formas mais naturais de expressão humana. Ao se compreender o que faz rir, pode-se compreender as características de uma sociedade, tempo ou cultura. Seguindo o riso como base de análise literária, ancorando-se nas noções estabelecidas pelo tema por Bergson (2018) e Bakhtin (1981, 2008 e 2010), o presente estudo propõe-se a analisar a obra “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, de Douglas Adams, um livro de ficção científica, lançado originalmente em 1979, que tem como temática a destruição da Terra e viagens espaciais, regado com boas doses de ironia e sarcasmo. Tem-se como foco compreender o que gera o riso na obra, e se, mesmo décadas após o seu lançamento, ainda é possível rir dela por conta dos mesmos artificios. Trata-se, então de uma pesquisa bibliográfica, na qual se visa a análise literária da obra em questão, tendo o riso como principal foco. Para o desenvolvimento deste estudo foi escolhida uma amostra de 3 capítulos do primeiro livro da série “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, o que corresponde ao primeiro arco da história, narrando da primeira apresentação dos personagens à destruição do planeta Terra. Constata-se que, dentro do material estudado, é possível identificar elementos formadores do riso, como a inversão, a quebra da normalidade, a paródia, a ironia, o reconhecimento e a quebra de expectativa. Por meio disso, dentro do estudo construído, é possível inferir sobre a atemporalidade do riso na obra, por apresentar elementos suficientes para fomentar esse suporte dentro de sua construção. Contudo, para comprovação dessa afirmação, seria necessária análise mais aprofundada, que cobrisse mais da obra.

Palavras-chave: Riso; Risível; O guia do mochileiro das galáxias.

ABSTRACT

Laughing is one of the most natural forms of human expression. Understanding what makes us laugh helps us understand the characteristics of a society, time, or culture. Anchoring the analysis in the established notions by Bergson (2018) and Bakhtin (1981, 2008, and 2010) regarding laughter in literature, this study aims to analyse Douglas Adams' science fiction novel "The Hitchhiker's Guide to the Galaxy," originally published in 1979. It explores the themes of Earth's destruction and space travel with a healthy dose of irony and sarcasm. The focus is to comprehend what generates laughter in the work and whether it still elicits laughter using the same techniques even decades after its release. This is a bibliographic research that analyses the literary aspects of the work, with laughter as its main focus. A sample of three chapters from the first book of the series was chosen, covering the initial arc of the story from character introduction to the destruction of planet Earth. Within the studied material, elements that contribute to generating laughter, such as inversion, breaking of normality, parody, irony, recognition, and subversion of expectations, can be identified. Based on this constructed study, it can be inferred that laughter remains timeless in this work due to its sufficient comedic elements. However, further analysis covering more of the book would be necessary to fully support this claim.

Keywords: Laughter; Laughable; The Hitchhiker's Guide to the Galaxy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.2 Objetivos	10
<i>1.2.1 Objetivo geral</i>	10
<i>1.2.2 Objetivos específicos</i>	11
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	12
2.1 O risível	12
2.2 O sociocultural de Bakhtin	13
2.3 O Contexto histórico de O Guia do Mochileiro das Galáxias	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 Caracterização da pesquisa	16
3.2 Revisão bibliográfica	16
3.3 Objeto de estudo	17
3.4 Análise literária	18
4 ANÁLISE	19
4.1 O riso no primeiro momento: Conhecendo o problema e os personagens, e a formação de identificação	19
4.2 O riso continua à medida que o fim do mundo se aproxima	23
4.3 O riso, a toalha e não entre em pânico!	24
5 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Desde tempos aristotélicos, o riso é objeto de interesse e fascínio para humanidade. Desde então, vários pensadores trataram sobre o tema (NASCIMENTO, 1998/9). Compreender, então, que a capacidade de rir é uma característica que diferencia o ser humano de outros animais (MORRIS, 1977; YOUNG, 1992), revela aspectos sobre essa ação que reforçam a sua importância como instrumento de compreensão sobre o ser humano.

Todavia, perceber o que faz rir é algo mais complexo. O risível é algo que pode ser maleável, diferente e mutável, à medida que o homem, como um ser social, está exposto a diferentes formas de compreensão do seu redor e diferentes construções sociais que o compõem (BERGSON, 2018). O riso, então, é um gesto social, um fruto do risível pela óptica da formação individual e coletiva do ser humano, como posto por Bergson.

[...] Pelo temor que o riso inspira, reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contato mútuo certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; suaviza, enfim, tudo o que puder restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (BERGSON, 2018, p. 45).

Ao observar o riso como uma ferramenta de compreensão social humana, pode-se, então, utilizá-lo para identificar os traços da sociedade que o forma. Nessa perspectiva, Alberti (2002, p. 12) afirma: “O riso e o cômico são literalmente indispensáveis para a compreensão do mundo e para a apreensão da realidade plena. Sua positividade é clara: o nada ao qual o riso nos dá acesso encerra uma verdade infinita e profunda, em oposição ao mundo racional e finito da ordem estabelecida”.

Ao representar essa realidade plena, as configurações e padrões sociais ficam desnudos, à medida que o risível se mostra. Tomando essa perspectiva, o presente trabalho analisará a obra literária *O Guia do Mochileiro das Galáxias* (ADAMS, 2010), no intento de discorrer um estudo sobre o cômico e as características sociais do riso na obra, e a sua possível atemporalidade, tendo como base as seguintes perguntas: O que faz rir na obra de Douglas Adams? O riso nessa obra ainda permanece mesmo 40 anos depois de seu lançamento?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar as características do risível que podem tornar a obra atemporal.

1.2.2 Objetivo específico

- a) Identificar os parâmetros que sedimentam o riso na obra;
- b) Relacionar o contexto sociocultural da época do lançamento da obra à teoria de Bakhtin;
- c) Relacionar o contexto sociocultural contemporâneo a partir da teoria de Bakhtin para checar a atemporalidade da obra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da premissa de análise da obra “O Guia do Mochileiro das Galáxias” utilizando o riso como principal foco, contextualizar-se-á a noção sobre o risível e a teoria bakhtiniana para fundamentar este trabalho, além de trazer nuances sobre os aspectos socioculturais da época do lançamento do livro.

2.1 O risível

Dá-se o nome de risível aquilo que causa ou provoca o riso (RISÍVEL, 2023), que, por sua vez, é uma das mais puras representações do que é ser humano, visto que a capacidade de rir nos diferencia como espécie, até mesmo de outros primatas (MORRIS, 1977; YOUNG, 1992). Partindo para outra perspectiva, Bergson (2018) postula, assim como Aristóteles centenas de anos antes, que “não há riso fora do que é propriamente humano”, pois independente do que tenha sido o gatilho para o cômico, esse está direta ou indiretamente ligado a uma ação, forma ou imagem propriamente humana, a exemplo que um dos maiores sucessos cômicos da internet nada mais foi que um gato tocando piano (STAGNI, 2018).

O que faz rir os nossos pais não necessariamente nos faz rir também. O riso, como proposto por Bergson (2018), trata-se de algo mutável, maleável e diferente entre as pessoas, apesar de ser um reflexo da sociedade na qual o indivíduo que ri está inserido. Dá-se a noção, então, de que o rir é um gesto social (BERGSON, 2018), um fruto gerado entre a relação individual e coletiva.

[...] o riso é sempre o riso de um grupo, e para parecer mais clara essa tese, podemos observar a própria manifestação do riso, que não consiste em uma sensação passível de ser experimentada introspectivamente, sendo a manifestação exterior parte intrínseca do riso, de onde podemos, mesmo sem maiores investigações, suspeitar que o riso possua uma função social de primeira ordem (Mendonça Júnior, 2014).

Entretanto, ao se falar do risível, devemos nos atentar que as interações humanas partem de uma relação entre o real e o representativo, das quais, o ser humano, na posição daquele que ri, gera distinções e reflexões entre o objeto real e o que ele representa ou pode representar (KEMPINSKA, 2013). Isso se reflete, no âmbito da literatura, na visão de dois pensadores, o já citado Bergson (2018) e Bakhtin (2008). O primeiro propõe uma relação intrínseca e indissociável entre o real e o representado, de modo que, ao propor o riso como uma correção a rigidez mecânica da vida, o autor sugere que o fator que geraria o riso em cenas do cotidiano

são as mesmas na literatura, assim, tendo a ação real e sua representação o mesmo valor independentemente de como observado. É pensar que o absurdo por trás de rir que os ratos são, na verdade, os seres mais inteligentes da Terra, como proposto em “O Guia do Mochileiro das Galáxias” (Adams, 2010), tem para Bergson (2018) o mesmo aspecto de quebra da normalidade (ou automatismo) habitual que dizer que uma criança tem a capacidade de consertar um motor à propulsão. Ambas são situações ou pensamentos que partem do absurdo, e assim gerariam o reflexo do riso, para o autor, indicando uma igualdade entre a recepção do real e a recepção da representação, fomentada pela literatura.

Segundo Kempinska (2013), na visão Bakhtiniana, o risível suscitado pelo real tem a mesma força daquele produzido pela representação, sendo esse uma manifestação sócio-histórica específica, tanto para vida real quanto para a literatura. Dessa forma, o riso gerado por uma celebração de um folguedo, como o carnaval, teria a mesma força de representação dela na literatura, como a festa para celebrar a resposta para “pergunta fundamental sobre a vida, o universo e tudo mais” em o Guia do Mochileiro das Galáxias (ADAMS, 2010).

Apesar de parecidas, as visões de Bergson e Bakhtin se diferenciam de maneira sutil. Kempinska (2013) diz que: “O riso corretivo do automatismo instalado na vida, tal como definido por Bergson, é claramente um ‘riso de’, enquanto o riso carnavalesco estudado por Bakhtin é um ‘riso com’. [...] Em ambas as teorias o riso possui caráter de um elemento mediador”. Vale ressaltar que o termo “riso carnavalesco” de Bakhtin se dá por sua análise da obra de Rabelais, mas que pode ser traduzido como “riso social”. Todavia, a ideia de carnavalização bakhtiniana será ainda melhor abordada.

Há de se destacar que existem ferramentas também que auxiliam a construção do riso para ambos, como a ironia e o sarcasmo, figuras de linguagem semelhantes que tratam da inversão ou troca de uma ideia real por uma figurativa, sendo a segunda normalmente mais agressiva. Como dito por Rodrigues (2017, p. 5): “Quando uso o humor como escudo, é ironia. Quando uso o humor como arma, é sarcasmo”. Outra ferramenta comum é o *call-back*, um recurso comum ao cômico que, segundo Greenbaum (1999), refere-se a uma ferramenta do humor que retoma algo dito anteriormente com o propósito de relacionar uma ideia já estabelecida com uma nova, ou apenas retomar o argumento.

Assim, ver-se no riso uma possibilidade de reconhecimento sócio-histórico, uma representação do que é ser humano, e uma ferramenta pela qual é possível compreender e analisar uma obra literária.

2.2 O sociocultural de Bakhtin

Bakhtin é um dos mais importantes linguistas que já existiu, tendo seu trabalho profunda relevância em áreas diferentes da dele, como psicologia e educação (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010). O pensador soviético tem como forte característica de seu pensamento a relação social com a construção humana, em especial em seu campo, a linguística.

A verdadeira substância da língua seria o ato dialógico em seu acontecimento concreto, sendo que qualquer diálogo, além de ser ele próprio histórica e socialmente determinado, evidencia uma outra história: a história da própria linguagem. A língua seria o produto do trabalho coletivo e ininterrupto de sujeitos socialmente organizados, cujo processo instaura a construção, também coletiva, de conhecimentos, práticas e saberes sobre o mundo. (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2010; LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009 *apud* SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Ao tratar do riso, Bakhtin, em sua tese “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais”, originalmente publicado em 1965, cunha a ideia da “carnavalização” ao se referir ao que faz rir. Ao delimitar o objeto de estudo nessa temática, Bakhtin analisa o riso como uma ferramenta social de reconhecimento e compreensão socio-cultural de uma época.

Os quatro séculos de história da compreensão, influência e interpretação de Rabelais são muito instrutivos, na medida em que essa história se imbrica na do riso, suas funções e sua compreensão nesse mesmo período.

Os contemporâneos de Rabelais (e quase todo o século XVI), que viviam no meio das tradições populares, literárias e ideológicas, nas condições e acontecimentos da época, chegavam a compreender o nosso autor e sabiam apreciá-lo [...] (BAKHTIN, 2008, p. 51).

No que diz respeito à compreensão literária, para Bakhtin (1981, p. 105), o riso surge a partir da carnavalização da literatura, a aproximação do texto oral e/ou escrito aos ritos carnavalescos e sua essência. Essa (carnavalização da literatura) seria especialmente marcada pela inversão, pela paródia, pela quebra de expectativa e o coloquialismo.

Na concepção de Bakhtin a carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a um conteúdo acabado, mas uma forma flexível de visão artística, uma espécie de princípio holístico que permite descobrir o novo e o inédito. O carnaval na concepção do autor é o *locus* privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente (SOERENSEN, 2017).

Por fim, Bakhtin (2010, p. 343 *apud* MELO, 2012 – grifo do autor) afirma que:

Nós temos em vista o riso não como um ato biológico e psico-fisiológico, mas o riso na existência sócio-histórica, cultural e objetual, e, principalmente, na expressão verbal.

O riso se manifesta na fala pelos mais diferentes fenômenos, que até hoje não foram submetidos a um estudo histórico sistemático e rigoroso suficientemente profundo.

Dito isso, o presente estudo pretende relacionar a teoria bergsoniana a de Bakhtin sobre o riso, apesar de trabalhar principalmente em torno da teoria bakhtiniana sobre o tema, em prol de utilizar o riso como base para análise literária.

2.3 O Contexto histórico de O Guia do Mochileiro das Galáxias

Lançado em 1979, o “Guia do Mochileiro das Galáxias” é uma obra de ficção científica do autor britânico Douglas Adams (1952-2001). Definida como “uma obra engraçada, inventiva e caótica” (PENGUIN, 2021), esse livro conta as aventuras de um ser humano no espaço após o planeta Terra ter sido destruído para que fosse construída uma via intergaláctica em seu lugar. Partindo dessa premissa, desenvolve-se uma série de livros com o mesmo nome. Contudo, o ponto principal é: Para compreender o que Douglas Adams quis propor em sua obra, é preciso compreender um pouco sobre a Inglaterra naquele período.

Vivia-se um momento de pós-guerra/guerra fria. Apesar de ter ficado ao lado dos vitoriosos, a Inglaterra amargava sua reestruturação industrial (MULLEN, 2016), tanto que este período é conhecido, segundo Morgan (2017), como a idade das trevas da Inglaterra moderna, tendo como destaque os “conflitos de classes na indústria, uma crise acentuada na economia, um crescimento para o extremismo na vida política e um aumento na violência pública e doméstica”¹.

Em aspectos culturais, há o fortalecimento do uso da arte como forma de crítica social, característico do começo do período contemporâneo. Em território inglês, os *sitcoms* (séries roteirizadas de comédia) foram uma grande ferramenta para esse fim, tratando de satirizar e/ou trazer luz às mudanças sociais, familiares e de estilo de vida que eram discussão daquela época, utilizando de artifícios de escrita para que esses problemas estivessem subliminarmente presentes (MULLEN, 2016).

Douglas Adams bebe desse período artístico, e traz em “O Guia do Mochileiro das Galáxias” uma série de críticas às estruturas sociais, à burocracia do sistema, aos contratos sociais e aos absurdos diários.

¹ Livre tradução de: “These were conflict and class war in industry, a sharp downturn in the economy, a flight to extremism in political life, and a rise in public and domestic violence.” (MORGAN, 2017 – grifo do autor)

3 METODOLOGIA

Compreender o desenvolvimento de um estudo é essencial para validar a sua importância, e garantir a sua replicabilidade. Dessa forma, discorrer-se-á aqui sobre os parâmetros utilizados para construção desta pesquisa, justificando seu modelo e características, e delimitar o objeto de estudo.

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo do tipo pesquisa bibliográfica, que se propõe à análise literária da obra *O Guia do Mochileiro das Galáxias* (ADAMS, 2010) tendo o riso como base. Segundo Gil (2017), as pesquisas qualitativas são aquelas que se valem não de analisarem as informações a partir de mensurações numéricas, mas da interpretação de informações ou de constatações levantadas dentro de um estudo. Explora-se, então, as características que vão para além da capacidade de quantificação exata, baseando-se nas percepções do pesquisador sobre o objeto de análise.

A pesquisa bibliográfica é amplamente utilizada na área da Literatura, por se tratar de um levantamento de informações coletadas em diferentes estudos no decorrer do tempo, fomentando base para construção de uma análise mais robusta (GIL, 2017). Já a análise literária baseia-se em desmembrar o texto literário em estudo em prol de identificar as estruturas semânticas que o formam, bem como todas as características pertinentes à sua compreensão e localização sociocultural (MOISÉS, 2007).

3.2 Revisão bibliográfica

Foram utilizados artigos selecionados em base de dados (*Google Scholar*) que responderam aos descritores, em português, inglês e espanhol: Risível, riso, literatura, análise literária. No total, foram selecionados 59 trabalhos (58 em Língua Portuguesa, e 1 em Língua Inglesa) que atenderam aos critérios de inclusão: trabalhos que tratavam de analisar obras tomando o riso como principal característica ou que conceituassem o riso e o risível; ainda foram levados em consideração trabalhos que se propunham a análise semelhante com outras obras literárias. O critério de exclusão foi: trabalhos que exploram o riso a partir de obras audiovisuais ou que não tiveram o risível como ferramenta de análise. Para separação, foram lidos os títulos e resumos dos trabalhos. Os trabalhos selecionados passaram então por leitura extensa. Além disso,

a pesquisa foi refeita incluindo o título do livro, O Guia do Mochileiro das Galáxias, a fim de checar a existência de trabalho semelhante, o que não foi detectado. Por fim, foram utilizados livros pertinentes à temática.

3.3 Objeto de estudo

O Guia do Mochileiro das Galáxias segue a história “de uma catástrofe terrível e idiota, e de algumas de suas consequências” (ADAMS, 2010). Apresentando Arthur Dent, um homem londrino na casa dos 30 anos que, após ter sua casa destruída para construção de um desvio de estrada, descobre que a Terra nada mais é do que um supercomputador e que o universo e o tempo são muito mais vastos do que ele poderia imaginar, a premissa da série passa por uma construção de ficção científica, mas a sua genialidade está em como trabalha os elementos do gênero literário e o riso (objeto de análise aqui), como pontua Gaiman (2014, p. 59-70):

A beleza do Mochileiro é que ele chegou na hora certa. O sucesso de Star Wars e Contatos Imediatos de Terceiro Grau criou uma disposição junto ao público que passou a considerar a ficção científica como uma forma aceitável de entretenimento; os leitores de ficção científica necessitavam a muito tempo de algo que fosse de fato engraçado (...)

É preciso pensar que o contexto sócio-histórico ao qual a obra se encaixa é o ponto inicial para compreender o riso nessa. A ficção científica ganhava palco midiático, como citado por Gaiman (*ibidem*), ao mesmo tempo que as *sitcoms* críticas, satíricas e irônicas da época (MULLEN, 2016) ganhavam o público. Isso trouxe para o “O Guia do Mochileiro das Galáxias” uma notoriedade e identificação.

Optou-se aqui por se realizar um corte do livro como método de amostragem que, segundo Gil (2017) é uma forma comum à pesquisa qualitativa de se organizar. Trabalhar com amostras do objeto de estudo para melhor refletir sobre este. Dessa forma, foram selecionados os três primeiros capítulos do “Guia” para o desenvolvimento desta pesquisa. A escolha por esse trecho específico se deu por fazerem parte do primeiro arco da história, que narra ainda os personagens no planeta Terra, antes de se desmembrar ainda mais a parte cósmica dessa aventura. Assim, a seleção se vale de que ainda não se haviam muitos aspectos de ficção científica na obra, tornando mais fácil a percepção da proximidade com o período sócio-histórico do lançamento da obra.

3.4 Análise literária

A análise literária da obra se deu a partir da leitura da amostra selecionada do livro, destacando trechos que, vistos sobre a óptica das propostas de Bergson (2018) e Bakhtin (2010), identificam o risível na obra, bem como as características que conversam as características socioculturais daquele período, e comparando este último com os mesmos aspectos na atualidade. Essa metodologia se assemelha à empregada por Andrade (2013) e Santos (2021) em suas respectivas análises literárias a partir do risível.

4 ANÁLISE

Como proposto por Bergson (2018), o riso é um gesto social, reflete a interação individual com o meio social ao qual está inserido, então, a partir do momento que uma obra está inserida em uma realidade ou recorte sócio temporal, compreende-se o porquê se ri. Para além disso, Bergson (*ibid.*, p. 90) há proposição de que existem elementos que auxiliam a construção do cômico, entre eles, a sátira e a ironia, sendo a última ligada a um alto grau de refinamento na construção do fazer rir. Assim, identificar tais elementos podem auxiliar a compreender o que risível em uma obra.

Já na visão de Bakhtin (2008), quando trata o riso não apenas como um gesto automático humano, mas uma ferramenta de compreensão sociocultural. A inversão, a paródia e a quebra de expectativa são instrumentos pelos quais um autor pode transpor suas intenções cômicas e, a partir dessas, aproximar-se de quem consome a sua produção, produzindo, assim o riso e o reconhecimento.

Dessa forma, se uma produção, seja ela literária, audiovisual, dramática, ou em qualquer outra arte, consegue fazer rir mesmo fora do seu contexto sócio-histórico, pode-se pressupor que ela transpõe a barreira temporal, gerando reconhecimento para diferentes públicos em diferentes períodos.

Partindo dessa premissa, analisar-se-á a obra “O Guia do Mochileiro das Galáxias” em busca de perceber aspectos que possam responder à pergunta central deste trabalho: O que faz rir na obra de Douglas Adams? O riso nessa obra ainda permanece mesmo 40 anos depois de seu lançamento? Reforça-se que, como citado na metodologia deste trabalho, que será trabalhado apenas o primeiro arco da história, da apresentação dos personagens à destruição da Terra.

4.1 O riso no primeiro momento: conhecendo o problema, os personagens e a formação de identificação

Desde a primeira página da história, é possível perceber a construção da identificação do leitor com aquele universo, como ao caracterizar o personagem principal como alguém comum, real, o seu problema inicial com a burocracia Estatal, e as pessoas a sua volta como seres humanos facilmente identificáveis do dia a dia, como percebe-se nos excertos a seguir retirados de Adams (2010, p. 12-13).

[...] tinha cerca de 30 anos; era alto, moreno e quase nunca estava em paz consigo mesmo. O que mais o preocupava era o fato de que as pessoas viviam perguntando por que ele parecia estar tão preocupado.

Arthur não havia conseguido enfiar na cabeça que o conselho municipal queria derrubá-la (sua casa) e construir um desvio no lugar dela.

“Amarelo”, pensou, e voltou ao quarto para se vestir. Ao passar pelo banheiro, parou para tomar um copo d’água, e depois outro. Começou a desconfiar que estava de ressaca. Por que a ressaca? Teria bebido na véspera? Imaginava que sim. Olhou de relance para o espelho móvel.

O Sr. L. Prosser era, como dizem, apenas humano. Em outras palavras, era uma forma de vida bípede baseada em carbono e descendente de primatas. Para ser mais específico, ele tinha 40 anos, era gordo e desleixado e trabalhava no conselho municipal.

Ao apresentar-se a idade e características físicas dos personagens, como a idade e semelhantes, o autor aproxima a ideia de que se tratam de pessoas comuns, como se reforça com a definição do personagem “Sr. Prosser” como “apenas humano”. A problemática da burocracia já se mostra presente quando, no segundo parágrafo destacado, toma-se nota de que o protagonista não conseguiu convencer o conselho municipal de que sua casa não deveria ser derrubada para construção de uma nova estrada. Esses pequenos pontos constroem uma identificação com a realidade entre o leitor e a obra que, uma vez gerada, permite que o autor parta para construção da primeira estranheza, a primeira quebra de normalidade, o que, nas palavras de Bergson (2018) quebraria a rigidez mecânica da vida, que se explicita no trecho:

“Quinze segundos depois, Arthur estava fora da casa, deitado no chão, na frente de um trator grande e amarelo que avançava por cima de seu jardim.” (Adams, 2010, p.13).

Já não bastasse a cena de um ser humano, ínfimo por natureza, tentar parar um trator na empreitada de derrubar a sua casa gera a estranheza necessária para que o riso passe a se formar, o reforço sobre uma situação não estranha à realidade, que pode-se observar no diálogo a seguir, fortalece a percepção proposta por Bergson (2018, p. 45) sobre o aspecto da interação sociedade-indivíduo pra formação do riso. Além disso, há de se reconhecer a estrutura sociocultural que forma o riso como parte integrante a sua compreensão (BAKHTIN, 2008), aqui expressa pela paródia à burocracia e ao absurdo comum a esta.

- O senhor teve um longo prazo a seu dispor para fazer quaisquer sugestões ou reclamações, como o senhor sabe -disse o Sr. Prosser.

- Um longo prazo? - exclamou Arthur. – Longo prazo? Eu só soube dessa história quando chegou um operário na minha casa ontem. Perguntei a ele se tinha vindo para lavar as janelas e ele respondeu que não, vinha para demolir a casa. É claro que não

me disse isso logo. Claro que não. Primeiro lavou umas duas janelas e me cobrou cinco pratas. Depois é que me contou.

- Mas, Sr. Dent, o projeto estava à sua disposição na Secretaria de Obras há nove meses.

- Pois é. Assim que eu soube fui lá me informar, ontem à tarde. Vocês não se esforçaram muito para divulgar o projeto, não é verdade? Quer dizer, não chegaram a comunicar às pessoas nem nada.

- Mas o projeto estava em exposição...

- Em exposição? Tive que descer ao porão pra encontrar o projeto.

- É no porão que os projetos ficam em exposição.

- Com uma lanterna.

- Ah, provavelmente estava faltando luz.

- Faltavam as escadas, também.

- Mas, afinal, o senhor encontrou o projeto, não foi?

- Encontrei, sim - disse Arthur. - Estava em exibição no fundo de um arquivo trancado, jogado num banheiro fora de uso, cuja porta tinha a placa: Cuidado com o leopardo. (Adams, 2010, p. 15).

Há, então, a primeira característica atemporal na obra de Douglas Adams: O embate entre o ser humano normal contra a burocracia e absurdos presentes no senso comum do estatário ocidental. Essa característica se mostra a partir do momento em que o funcionário da prefeitura tenta argumentar que foi culpa do protagonista por não ter ido buscar antes a informação sobre a demolição de sua casa, que estavam disponíveis há meses na prefeitura, esquecendo do fato de que o acesso a essas não eram fáceis, e que não houve aviso prévio ao interessado de que sua casa seria demolida. Não obstante, após o personagem principal narrar toda a sua “aventura” em busca dos referidos planos de demolição, o representante da prefeitura ainda reafirma que ele pôde ter acesso aos documentos em amostra que “Estava em exibição no fundo de um arquivo trancado, jogado num banheiro fora de uso, cuja porta tinha a placa: Cuidado com o leopardo. (ADAMS, 2010)”. Mas não só disso se faz rir em “O Guia do Mochileiro das Galáxias”.

Na continuidade da apresentação dos personagens, chega ao leitor o carismático Ford Perfect. Este é um alienígena que vivia na terra e era pesquisador de campo para o “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, que na história trata-se de um livro real naquele universo, um guia de viagens. A própria descrição desse novo personagem já mostra-se inesperada e, por isso, cômica.

Esse seu amigo havia chegado ao planeta Terra há uns 15 anos terráqueos e se esforçara ao máximo no sentido de se integrar na sociedade terráquea - com certo sucesso, deve-se reconhecer. Assim, por exemplo, ele passara esses 15 anos fingindo ser um ator desempregado, o que era perfeitamente plausível.

Porém cometera um erro gritante, por ter sido um pouco displicente em suas pesquisas preparatórias. As informações de que ele dispunha o levaram a escolher o nome ‘Ford Prefect’, achando que era um nome bem comum, que passaria despercebido. (ADAMS, 2010, p. 16).

A escolha de profissão, ao mesmo tempo de um nome espalhafatoso, faz do personagem uma construção jocosa e irônica sobre os artistas da época, e que se reflete ainda hoje. Tudo isso torna-se ainda mais cômico ao descobrir-se que o nome “Ford Perfect” foi escolhido pelo alienígena por achar que os carros eram a espécie dominante do planeta Terra quando ele chegou aqui².

Ainda dentro do aspecto da ironia, é interessante perceber como o autor escolhe a sua construção de ideias, como em:

Os seres humanos se adaptam a tudo com muita facilidade. Assim, quando chegou a hora do almoço, nos arredores da casa de Arthur já havia se estabelecido uma rotina. O papel de Arthur era o de ficar se espojando na lama, pedindo de vez em quando que chamassem seu advogado, sua mãe ou lhe trouxessem um bom livro. O Sr. Prosser ficou com o papel de tentar novas táticas de persuasão com Arthur de vez em quando, usando o papo do Para o Bem de Todos, o da Marcha Inevitável do Progresso, o de Sabe que Uma Vez Derrubaram Minha Casa Também mas Continuei com Minha Vida Normalmente, bem como diversos outros tipos de propostas e ameaças. O papel dos operadores dos tratores, por sua vez, era o de ficar sentado, tomando café e examinando a legislação trabalhista para ver se havia um jeito de ganhar um extra com aquela situação. (Adams, 2010, p. 18).

Percebe-se a ironia nesse trecho a partir da descrição das atividades de cada um dos personagens, e a sua falta de comprometimento e seriedade com o que eles se propunham a fazer. Enquanto Arthur se prostava na lama ele pedia por ajuda ou algo que o distraísse, o que não precisaria se não tivesse se colado naquela situação; o Sr. Prosser, por sua vez, usava de argumentos vazios para tentar persuadi-lo, e depois ameaçava o protagonista quando via que não estavam funcionando; já os operadores dos tratores aproveitaram a situação para tomar café e procurar formas ganhar algum dinheiro extra que estivesse dentro da legislação trabalhista.

Além do diálogo que segue o trecho anterior destacado, carregado com sarcasmo:

- Ford! Tudo bem com você?
 - Tudo bem - disse Ford. - Escute, você está ocupado?
 - Se estou ocupado? - exclamou Arthur. - Bem, tenho apenas que ficar deitado na frente desses tratores todos senão eles derrubam minha casa, mas afora isso... bem, nada de especial. Por quê?
 Em Betelgeuse³ não existe sarcasmo, por isso Ford muitas vezes não o percebia, a menos que estivesse prestando muita atenção.
 - Ótimo – disse ele. – Onde a gente pode conversar? (Adams, 2010, p. 18).

² Ford Perfect é um modelo de carro que foi fabricado na Inglaterra entre 1938 e 1961. Era muito popular em sua época, especialmente no Reino Unido, sendo reconhecido mundialmente como “O carro inglês”.

³ Betelgeuse é a região no espaço da qual o personagem “Ford Perfect” teria vindo. Trata-se de uma referência real a uma estrela mapeada.

Sarcasmo esse que pode ser observado em como Arthur responde Ford, falando de maneira simplista sobre o que fazia, ficar na frente dos tratores para que não derrubassem sua casa, o que minimizava a real importância de sua ação e concretiza essa figura retórica. Além disso, o próprio autor adiciona ao texto a informação de que se tratava de uma fala sarcástica por parte do protagonista ao afirmar que Ford, por ser de um planeta o qual não havia uso dessa figura de linguagem, e por isso, o mesmo não possuía aparato linguístico para compreender realmente o que Arthur quis dizer. Isto leva à quebra de expectativa quando se espera que um ser que escreve para uma guia de viagens intergaláctico e viaja pelo cosmos não consegue compreender uma estrutura linguística comum de um “planeta” menos desenvolvido. Essa construção vai ao encontro a visão de Bakhtin (2008) sobre a construção do riso.

4.2 O riso continua à medida que o fim do mundo se aproxima

No primeiro momento, “O Guia do Mochileiro das Galáxias” (ADAMS, 2010) constrói a identificação com o leitor, através de personagens reconhecíveis e problemas comuns a sociedade ocidental, especificadamente, a burocracia governamental. O capítulo seguinte parte para formação do segundo problema, o planeta Terra vai acabar. Aqui, observa-se a construção do absurdo, novamente retomando a ideia de Bergson (2018, p. 45) quanto à quebra de normalidade, ao mesmo tempo que caminha junto à Bakhtin (2010) ao tratar da alegoria ao fim do mundo com a quebra da expectativa. Vale remontar que, historicamente, a ficção científica já trazia essa temática de maneira catastrófica, como possível ver desde “A Guerra dos Mundos” (Wells, 2015), mas que passa a ser abordada ironicamente na obra de Douglas Adams, como pode-se constatar no trecho a seguir:

Então, o barman disse: - Ah, é? Um belo dia pro mundo acabar. E começou a tirar os chopes.
Tentou outra vez.,
- E então, o senhor vai assistir ao jogo hoje à tarde?
Ford virou-se para ele.
- Não, não tem sentido - disse, e virou-se para a janela novamente.
- Quer dizer que o senhor acha que nem adianta? - insistiu o barman. - O Arsenal não tem a menor chance?
- Não, não - disse Ford. - É só que o mundo vai acabar.
- Ah, é mesmo, o senhor já disse - respondeu o barman, olhando agora para Arthur por cima dos óculos. - Seria uma boa saída para o Arsenal, escapar da derrota por causa do fim do mundo.
Ford olhou de novo para o velho, realmente surpreso.
- Na verdade, não - disse, franzindo a testa.
O barman respirou fundo. (Adams, 2010, p. 24).

A informação sobre o fim do mundo é tratada com chacota pelos frequentadores do bar, o que não seria estranho na realidade, mas a persistência do sarcasmo nas falas e somado à trivialidade dada ao tema ali reforçam como o riso vai se formar na obra e trazem marcas de atemporalidade ao fazer-se rir pelo absurdo.

4.3 O riso, a toalha e não entre em pânico!

O livro em análise passa, então, ao fechamento do seu primeiro arco, com a destruição do planeta Terra se concretizando. Aqui, alguns pontos são relevantes na continuidade da percepção do riso na obra. Primeiro, a inversão entre o real e o representativo quanto à função de objetos banais, cotidianos, surge como mais uma estranheza e, por reflexo, o riso, por conta do que pode-se representar, como proposto por Kempinska (2013) em suas observações a obra de Bergson (2018). Isso se mostra no processo de ressignificação da toalha, ou item mais importante do universo, como visto em:

O Guia do Mochileiro das Galáxias faz algumas afirmações a respeito das toalhas. Segundo ele, a toalha é um dos objetos mais úteis para um mochileiro interestelar. Em parte devido a seu valor prático: você pode usar a toalha como agasalho quando atravessar as frias [...]; pode deitar-se sobre ela nas reluzentes praias de areia marmórea [...]; você pode dormir debaixo dela sob as estrelas [...]; pode usá-la como vela para descer numa mini jangada [...]; pode umedecê-la e utilizá-la para lutar em um combate corpo a corpo; enrolá-la em torno da cabeça para proteger-se de emanções tóxicas ou para evitar o olhar da Terrível Besta Voraz de [...]; você pode agitar a toalha em situações de emergência para pedir socorro; e naturalmente pode usá-la para enxugar-se com ela se ainda estiver razoavelmente limpa. Porém o mais importante é o imenso valor psicológico da toalha. Por algum motivo, quando um estrito (isto é, um não-mochileiro) descobre que um mochileiro tem uma toalha, ele automaticamente conclui que ele tem também escova de dentes, esponja, sabonete, lata de biscoitos, garrafinha de aguardente, bússola, mapa, barbante, repelente, capa de chuva, traje espacial, etc., etc. [...] O que o estrito vai pensar é que, se um sujeito é capaz de rodar por toda a Galáxia, acampar, pedir carona, lutar contra terríveis obstáculos, dar a volta por cima e ainda assim saber onde está sua toalha, esse sujeito claramente merece respeito. (ADAMS, 2010, p. 27-8).

Essa ressignificação se mostra quando a toalha deixa de ser apenas um item de banho, usado para simplesmente secar-se, e passa assumir forma de proteção contra o frio, como coberta, como vela de mastro para um barco, como máscara de proteção contra gases tóxicos e até mesmo como arma. A toalha, então passa a ser vista como um dos itens mais importantes do universo, dada a sua praticidade de múltiplas utilidades no livro. É de se observar que nenhuma das formas novas são absurdas, mas reforçam uma quebra de normalidade ao uso de um objeto comum, a toalha, do que ele representa e do que ele pode representar, o que vai ao encontro a ideia de Bergson (2018).

Segundo, remonta-se à primeira problemática, através do uso de *call-back* (GREEN-BAUM, 1999), reforçando a identificação sociocultural bakhtiniana. Aqui, observa-se que o que gerou o primeiro contratempo ao protagonista, sua casa ser demolida para construção de uma estrada, se repete quando o planeta encontra-se na eminente destruição para que possa ser feito um novo desvio intergaláctico. Não somente isso, mas a retomada do conflito burocrático, como observa-se em:

- Povo da Terra, atenção, por favor - disse uma voz, e foi maravilhoso. Som quadrafônico perfeito, com níveis de distorção tão baixos que o mais corajoso dos homens não conseguiria conter uma lágrima.

- Aqui fala Prostetnic Vogon Jeltz, do Conselho de Planejamento do Hiperespaço Galáctico - prosseguiu a voz. - Como todos vocês certamente já sabem, os planos para o desenvolvimento das regiões periféricas da Galáxia exigem a construção de uma via expressa hiperespacial que passa pelo seu sistema estelar e infelizmente o seu planeta é um dos que terão de ser demolidos. O processo levará pouco menos de dois minutos terrestres. Obrigado.

[...]

- Esta surpresa é injustificável. Todos os planos do projeto, bem como a ordem de demolição, estão em exposição no seu departamento local de planejamento, em Alfa do Centauro, há 50 dos seus anos terrestres, e portanto todos vocês tiveram muito tempo para apresentar qualquer reclamação formal, e agora é tarde demais para criar caso.

[...]

- Como assim, nunca estiveram em Alfa do Centauro? Ora bolas, humanidade, fica só a quatro anos-luz daqui! Desculpem, mas se vocês não se dão ao trabalho de se interessar pelas questões locais, o problema é de vocês. (Adams, 2010, p. 33).

Nota-se a forte semelhança com o começo do livro, o que leva, por meio deste *call-back*, a rever-se a quebra de normalidade novamente e ao riso. Porém, não somente nisso se consolida o risível, mas ao perceber o espanto dos terráqueos, em especial, os que dividiam o bar com os personagens principais da obra, demonstra-se o riso mediador entre o absurdo e a percepção, o que reforça a visão bergsoniana sobre o objeto, representado pelo diálogo:

- O senhor está falando sério? - perguntou ele, sussurrando baixinho, o que teve o efeito de fazer com que todos se calassem no bar. - O senhor acha que o mundo vai mesmo acabar?

- Vai - disse Ford.

- Mas hoje?

Ford havia se recuperado. Sentia-se mais irreverente do que nunca.

- É - disse, alegre -, daqui a menos de dois minutos, na minha opinião.

O barman não conseguia acreditar na conversa que estava tendo, mas também não conseguia acreditar na sensação que acabara de experimentar.

- Podemos fazer algo a respeito?

- Não, nada - respondeu Ford [...]

- Eu pensava - disse ele - que quando o mundo acabasse todo mundo tinha que deitar no chão ou enfiar a cabeça num saco de papel, ou coisa parecida.

- Se você quiser, pode - disse Ford.

[...]

- Isso vai ajudar? - Perguntou o barman.

- Não. – Disse Ford, com um sorriso simpático. [...] (ADAMS, 2010, p. 30).

Encontra-se em no material analisado, então, o riso como proposto por Bergson (2018) e Bakhtin (2008; 2010), traduzido por Kempinska (2013) como: “o riso de”, marcado principalmente pela quebra da normalidade e a ironia da visão bergsoniana; e “o riso com”, expresso pela formação da identificação sociocultural entre o leitor e o texto, além da quebra de expectativa, comum a ideia bakhtiniana sobre o riso.

5 CONCLUSÃO

“O Guia do Mochileiro das Galáxias” é uma história de absurdos, com boas doses de sarcasmo, ironia, além da constante alegoria da vida humana em sua essência efêmera e turbulenta. A partir de personagens carismáticos e facilmente identificáveis, além de problemas normais, cotidianos, mas exagerados para construção humorística, essa obra permite que o leitor se perceba e reconheça os fatores sociais e culturais que podem ligá-lo ao desenvolvimento da história, ao mesmo tempo que os mascara em uma aventura fora do esperado.

O presente trabalho ateu-se a buscar elementos textuais no coorte analisado do livro que pudessem responder à questão levantada pela pesquisa. Elementos como a ironia e o sarcasmo foram peças fundamentais desse processo, sendo essas características comuns na formação do riso, mas não apenas esses, a quebra de expectativa e da normalidade, além de recursos como o *call-back* e a identificação com a realidade, o que constroem essa sátira intergaláctica sobre a vida humana.

Isto posto, é possível a conclusão de que “O Guia do Mochileiro das Galáxias” pode ser vista como uma obra atemporal no que diz respeito ao risível, pois todos os elementos utilizados ou não dependem de uma compreensão exclusiva a um recorte temporal, vide os problemas com burocracia, por exemplo, ou podem ser compreendidos através de ferramentas de construção do riso que não estão diretamente ligadas a formação sociocultural de uma época.

Entretanto, é importante ressaltar que, apesar da análise positiva à pergunta deste trabalho, seria necessária uma exploração mais detalhada do material para ter total acurácia à resposta. Além disso, o uso do riso como base de análise literária mostra-se como algo viável, especialmente ao relacionar os aspectos socioculturais de uma obra.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D. **O guia do mochileiro das galáxias**. Tradução de Carlos Irineu da Costa e Paulo Fernando Henrique Britto. Ed. Popular; Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ANDRADE, D. S. Procedimentos cômicos em José Cândido de Carvalho. In: **III Colóquio Filosofia e Literatura do Cômico**. Anais do evento, São Cristóvão: UFS, 2013, p. 47-58.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo-Brasília: Editora UnB, 2008.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BERGSON, H. **O riso: Ensaio sobre o significado do cômico**. São Paulo: Edipro, 2018.
- GAIMAN, N. **Não entre em pânico: Douglas Adams & O Guia do Mochileiro das Galáxias**. Tradução de Leandro Durazzo. Barueri: Novo Século Editora, 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GREENBAUM, A. Stand-up comedy as rhetorical argument: an investigation of comic culture. **Humor**, v. 12, n. 1, p. 33-46, 1999.
- KEMPINSKA, O. D. G. Leitura e riso. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, v. 50, n.60, p.47-59, jun. 2013.
- MELO, R. P. G. Língua Pileata: Bakhtin, Linguagem do riso e análise do discurso. **Revista Inventário** (revista online), v. 1, 2012.
- MENDONÇA JUNIOR, J. P. O Riso e a Ordem Social: Ensaio sobre a teoria de Henri Bergson sobre o riso e o cômico. In: **XIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS**, 2014. Anais eletrônicos. Porto Alegre, PUCRS, 2014, s.p. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/13.pdf>>. Acesso em: 16 de mai. 2023.
- MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MORGAN, K. O. “Britain in the Seventies – Our Unfinest Hour?”. **Revue Française de Civilisation Britannique** [Online], 2017.
- MORRIS, D. **Você: um estudo objetivo do comportamento humano**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

MULLEN, J. Aspects of UK Popular Culture in the Nineteen Seventies. Le Royaume-Uni à l'épreuve de la crise 1970-1979, **Ellipses**, s.p., 2016.

NASCIMENTO, C. A. R. "RIR É O PRÓPRIO DO HOMEM". **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 21/22, p. 27-32, 1998/1999.

PENGUIN. **42 reasons why The Hitchhiker's Guide to the Galaxy is beyond brilliant**. Penguin. 2021. Disponível em: <<https://www.penguin.co.uk/articles/2021/03/hitchhikers-guide-galaxy-douglas-adams-42-facts>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

RISÍVEL. In: **Priberam: Dicionário Online**. Lisboa: Priberam Informática, 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/ris%C3%ADvel#:~:text=Que%20%C3%A9%20merecedor%20de%20riso,processo%20ris%C3%ADvel%3B%20justifica%C3%A7%C3%A3o%20ris%C3%ADvel>>. Acesso em: 02 de jul. 2023.

RODRIGUES, E. **Ironia, Sarcasmo, Pessimismo**. (Portuguese Edition). 1 ed. [s.l.]: Publicação independente, 2017. ISBN: 978-1-521-14857-0.

SANTOS, C. L. O riso literário na obra de Adriana Falcão. **Odisseia**, Natal, v. 6, n. 1, p. 71-91, jan.-jun. 2021.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum**. v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010.

SOERENSEN, C. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Travessias**. Cascavel, v. 5, n. 1, p. e4370, 2017. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

STAGNI, T. **Morreu o Keyboard Cat, o gato que virou meme**. IGN BRASIL, 2018. Disponível em: <<https://br.ign.com/ign-pop/59957/news/morreu-o-keyboard-cat-o-gato-que-virou-meme>>. Acesso em: 05 de jul. de 2023.

WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. Tradução: Pesquisadores do PRO.SOM, coordenado por Sílvia Maria Guerra Anastácio. Salvador: EDUFBA, 2015.

YOUNG, S. Human facial expressions. In: **The Cambridge Encyclopedia of Human Evolution**. New York, Cambridge University Press, 1992.